

ESTRUTURAS NARRATIVAS NAS *HISTÓRIAS* DE TÁCITO

Juliana Bastos Marques*

Resumo:

Este trabalho apresenta algumas considerações a respeito da estrutura narrativa das Histórias de Tácito, destacando-se a presença de elementos no texto que evidenciem o sentido de decadência de Roma durante a guerra civil de 69 d.C., nos livros I a III, e a renovação simbolizada pela vitória de Vespasiano, a partir do livro IV. Através da análise de pontos, como a caracterização dos imperadores e a distribuição e propriedade dos discursos a eles atribuídos, bem como pelo papel dos personagens secundários e dos exércitos, pretendemos demonstrar como Tácito constrói uma narrativa que mostra a decadência das instituições e da moral romanas desde Galba, e cujo ápice maior – paradigma taciteano do declínio – é a morte de Vitélio e a destruição do Capitólio da cidade de Roma pelos próprios romanos. Vespasiano é, desde o início, caracterizado como o contraponto dessa situação, pois redime a sociedade e estabelece simbolicamente um novo momento de renovação na história romana.

Palavras-chave: Tácito, Histórias, Historiografia Latina, guerra civil, 69 d.C.

Tácito começou a trabalhar na pesquisa da primeira de suas obras históricas, provavelmente, logo após a publicação do **Dialogus de Oratoribus**, por volta de 102 d.C. (SYME, 1958, p.118; BENARIO, 1975, p.43; DAMON, 2003, p.4). A morte de Domiciano e a escolha de Nerva como seu sucessor ofereceram um ambiente político no qual Tácito julgou suficientemente seguro começar a escrever história e relatar a dinastia dos Flávios. De seu propósito inicial, de narrar acontecimentos ocorridos de 69 d.C. até 96 d.C., conhecemos apenas uma pequena, mas importante fração, de menos de dois

* Professora adjunta do departamento de História da Unirio. Doutora em História Social pela FFLCH/USP. E-mail: jbastos@usp.br.

anos: os quatro primeiros livros completos e o início do livro V, que vão do primeiro dia de janeiro de 69 d.C. até o relato da revolta na Judeia, passando por um período de guerra civil e de extrema fragilidade do império.

A guerra civil produziu quatro diferentes imperadores em um curto espaço de tempo, e a galopante sucessão dos acontecimentos é refletida no texto das **Histórias** em uma narrativa dinâmica e, ao mesmo tempo, detalhista. Em comparação com os **Anais**, portanto, temos um texto bastante peculiar em termos de ritmo, estilo e ênfase. Tácito faz nas **Histórias**, ou, pelo menos, no que temos delas, um recorte temporal muito restrito e particular, já que praticamente todos os eventos retratam situações de exceção e de extremos, dentro de poucos meses, ou mesmo, de poucos dias. O contraste com a paz que viria através dos Flávios é evidente, ao considerarmos a desproporção entre os quatro livros que narram acontecimentos de um só ano (69 d.C.), e os restantes dez (ou, quem sabe, oito¹) livros que cobrem um período de 26 anos (70 a 96 d.C.).

Compreender a estrutura narrativa das **Histórias** é, portanto, uma tarefa que envolve contextualizar seu nível de pequena escala, no sentido de período narrado, mas também a grande escala da minúcia das suas particularidades. É uma guerra civil condensada em um período muito curto, contrastando com as longas décadas da guerra civil republicana, e, nesse sentido, é uma oportunidade única para compreender a mecânica do caos na sociedade romana (MENDES, SILVA, 2006; RAAFLAUB, 2007). E, diferentemente dos **Anais**, aqui a personalidade dos imperadores não é o motor principal das relações sociais e políticas: esse fator está diluído na importância da voz dos exércitos como um todo, e também de seus comandantes individualmente².

Isso está explícito já no terceiro e último bloco do prefácio (parágrafos 4 a 11), em que Tácito descreve a situação da capital e das províncias no início do ano de 69 d.C. Tanto em Roma quanto em outros lugares do império, o foco principal da atenção de Tácito será o clima no exército e a comparação das forças políticas e de manobra de seus principais comandantes. Assim, junto a um breve excursus sobre as diferentes reações na capital perante a morte de Nero, ele enuncia o tema que irá determinar, explícita ou implicitamente, toda a situação política do império no decorrer da narrativa, o fundamento militar do sistema do Principado: “[pois] o segredo do império havia agora sido revelado, que um imperador podia ser feito fora de Roma”³.

Já de início, Tácito avalia a situação dos pretorianos para, com isso, delinear a falta de habilidade de Galba, sua severidade cega e idade avançada, que o incapacitam para exercer o controle de forma eficaz, ou, ao menos, adequado ao clima vigente de caos e corrupção – como depois é o caso de Oto. Nesse sentido, fica claro que, pelo menos no plano moral, Tácito vê uma continuidade entre o período de Nero e o estado atual, permeada pela falta da ordem. Tal continuidade toma cada vez mais, porém, um sentido degeneratório, agravado pela guerra civil, e se estenderá, como veremos, num ritmo crescente, que culmina com o fim de Vitélio e a “conquista” de Roma pelo comando de Vespasiano.

A forma como Tácito dispõe a estrutura dos livros nas **Histórias** é também indicadora, e, por sinal, uma grande evidência desse movimento de declínio e renovação que ele pretende demonstrar. Em primeiro lugar, temos o padrão de alternância entre *res internae* e *res externae*, que, na verdade, não é original, mas sim derivado diretamente de Tito Lívio (LUCE, 1977). Porém, há uma divisão em maior escala bem mais importante quanto à disposição do conteúdo, que é a diferença significativa entre o bloco formado pelos livros I a III e o bloco dos livros IV-V – diferença essa relacionada com a duração e o fim da guerra civil, que ocupa, através de Galba, Oto e Vitélio a primeira parte. O fim do livro III, em seu clima altamente trágico, é emblemático, pois narra justamente tanto a morte do último dos imperadores derrotados, Vitélio, quanto a destruição do Capitólio – de cunho fortemente simbólico – e, portanto, o ápice do caos vigente em Roma (MARQUES, 2005). Os livros IV e V significam, então, a lenta retomada da ordem sob o estabelecimento do poder de Vespasiano.

Vejamos como se dá a distribuição dos livros e parágrafos:

Livro I

1 a 11 - Prefácio.

12 a 50 - Roma: últimos dias de Galba, adoção de Pisão e revolta de Oto.

51 a 70 - Províncias: revolta dos exércitos da Germânia, surgimento de Vitélio.

71 a 90 - Roma: Oto se prepara para a guerra contra Vitélio.

Livro II

1 a 10 - Províncias: origens da revolta dos Flávios no leste e previsões positivas para Tito e Vespasiano.

11 a 73 - Províncias: primeira batalha de Bedriacum. Suicídio de Oto; tropas de Vitélio em direção a Roma.

74 a 86 - Províncias: Flávios se preparam.

87 a 101 - Roma: forças vitelianas se preparam para a guerra contra os Flávios. O caos e o prenúncio da derrota se tornam cada vez mais evidentes do lado de Vitélio.

Livro III

1 a 35 - Províncias: Preparação dos Flávios, mais bons presságios; Antônio Primo combate as tropas vitelianas; segunda batalha de Bedriacum e destruição de Cremona.

36 a 39 - Roma: desordem ao redor de Vitélio e sua corte.

40 a 53 - Províncias: continuação do conflito entre Primo e vitelianos. Indignidade, incompetência e captura de Valente; início da vitória flávia.

54 a 86 - Roma: Vitélio continua desconsiderando resultados desfavoráveis e se mostra cada vez mais fraco e dissoluto. Eventualmente, o caos na cidade chega a seu ponto máximo quando Vitélio é assassinado e o incêndio, em meio à guerra dentro da cidade, destrói o Capitólio.

Livro IV

1 a 11 - Roma: o caos ainda continua. Porém, o Senado volta a ter uma incipiente demonstração de relevância e independência.

12 a 37 - Províncias: início do relato da revolta de Júlio Civilis.

38 a 50 - Roma: restauração gradual da ordem e mais presença do Senado.

51 a 52 - Províncias: Vespasiano se prepara.

53 a 54 - Roma: continuação. Note-se que a presença da digressão anterior tem o claro objetivo de associar Vespasiano (mas também

seus filhos, especialmente Tito) com a retomada da paz e da ordem na capital.

55 a 79 - Províncias: segunda fase do relato sobre Civilis.

80 a 86 - Roma e províncias: o relato se alterna com rapidez para consolidar a preparação final de Vespasiano através do controle de Roma por seus comandantes e Domiciano, ainda que sendo todos estes suficientemente ineptos para se equivaler ao imperador enquanto o substituem. A digressão sobre o culto de Serápis (83 a 84) está associada a mais evidências sagradas do destino de Vespasiano.

Livro V

1 a 13 - Províncias: Tito na Judeia, digressão sobre os judeus e origem da revolta.

14 a 26 - Províncias: começo do fim da revolta de Civilis.

Portanto, a estrutura dos livros I a III é construída em torno de três pontos geográficos de conflito principais, sendo eles: a. Roma; b. as províncias ocidentais e a Itália, que formam os campos de batalha da guerra civil; e c. o leste dominado por Vespasiano, sendo que este último ainda serve apenas como contraposição direta representada pelo futuro (vitória final de Vespasiano = paz) contra o presente caótico da guerra nos dois outros centros de ação.

Há também uma recorrência na narrativa que desenvolve paralelos entre cada livro, definida pelo desenvolvimento das forças de Vitélio contra Oto (livros I e II) e de Vespasiano contra Vitélio (livros II e III), nas respectivas batalhas em Bedriacum. A função principal de tal recurso ajuda a evidenciar os livros I a IV das **Histórias** como sendo uma espiral descendente rumo ao extremo abismo moral do império. Isso se dá através de uma progressão de desordem, violência e incompetência daqueles responsáveis pelas decisões, bem como da total apatia do povo de Roma e de uma *licentia* sem precedentes, ou seja, a falta de todo e qualquer limite. Os maiores símbolos disso são exatamente Vitélio, o imperador inepto e indigno por excelência, que morre da forma mais degradante possível, e o quadro de absoluto abandono de todas as instituições tradicionais que representam a identidade romana – incluindo-se não só o Capitólio, como também o próprio Senado, que perde totalmente a voz ativa e independência até esse ponto, ou seja, o fim do livro III.

A retomada, no livro IV (KEITEL, 1993), não necessariamente vem apenas com Vespasiano, mas, na verdade, é causada pelo fim da guerra. O processo é lento, tanto porque ocorre concomitantemente às duas grandes revoltas que Tácito passa a narrar, de Civilis (BRUNT, 1960; GONZÁLEZ-CONDE, 1996) e dos judeus (BRUCE, 1984) – o que nos leva a imaginar como seria sua descrição do momento em que Vespasiano finalmente assume o poder total, pois revelaria, assim, o modo como o autor entende a forma da resolução de todos esses conflitos.

A construção dos personagens nas **Histórias** é um dos elementos principais de como Tácito pretende demonstrar seus objetivos, os mecanismos do principado, juntamente com a manipulação da estrutura formal do texto, que analisamos acima. Existem inúmeros aspectos passíveis de análise sobre cada um dos personagens e sobre as relações diretas ou contrastantes formadas entre eles (ASH, 1999), e levantaremos, a seguir, alguns pontos gerais da caracterização dos indivíduos-chave na trama.

A sequência de imperadores Galba-Oto-Vitêlio exemplifica o desenvolvimento da crise do império num processo cada vez mais rápido, evidente e poderoso de decadência. Galba⁴ é o protótipo da incapacidade de ação e percepção do que acontece ao seu redor, porém ainda é uma figura de certo caráter moral remanescente. Era nobre, frugal e honesto, ainda que já senil, antiquadamente severo e indolente – opostos que lhe valeram o famoso atributo de Tácito: “[Era] consenso entre todos que seria capaz de governar, caso não tivesse governado.”⁵ Sua reação diante da morte é honrosa, porém sua coragem é inútil.

Já Oto (PERKINS, 1993) não só é incapaz, pois totalmente dependente do apoio dos pretorianos, como também é corrupto e degenerado. É como um novo Nero, do qual, aliás, tinha sido amigo próximo, e procura aproveitar a popularidade ainda forte do imperador “artista” restaurando suas estátuas e reverenciando sua imagem⁶. A associação que Tácito faz de seus vícios com os de Nero, é, nesse sentido, um indicador claro de sua posição no esquema narrativo, inferior a Galba. Porém, existe ainda um resquício de virtudes, mas que já não são reais, e sim aparentes. Toda demonstração de correção moral que Oto apresenta depois de se tornar imperador é vista por Tácito como falsa e enganosa, embora sua morte se torne prova de uma certa dignidade. É, no entanto, uma morte mais inútil ainda – pois desestabiliza seus exércitos e os leva à derrota, mesmo que antes tivessem chances, segundo Tácito, de vencer as forças de Vitêlio.

Este, por sua vez, é a representação máxima do imperador desqualificado e indivíduo incapaz, tanto que a ele é dedicado o maior número de referências sobre o caráter e a personalidade⁷. Ele sempre aparece como covarde e indolente ao extremo total, cruel e dedicado quase que exclusivamente aos excessos da comida – num tom que revela, para Tácito, o ponto mais baixo, elementar e idiota dos vícios humanos. Sua morte é o cúmulo dessa representação: ele foge, se esconde em pânico, é absurdamente covarde e, por isso, é linchado de forma indigna nas mãos de uma turba revolta (III, 84-85).

O uso dos discursos auxilia a evidenciar essa estrutura (KEITEL, 1991). A Galba é atribuído um só discurso⁸, o que é até mesmo compreensível dentro do seu pequeno espaço de atuação no início do livro I. Nele, o imperador anuncia que escolheu o jovem Pisão para lhe suceder, e, com isso, delinea os princípios pelos quais considera seus atos mais justos. Retomando Augusto, mas diferentemente dele, Galba afirma que prefere escolher alguém dentre os melhores como sucessor, e não pessoas de sua própria família⁹. A última frase do discurso resume seus argumentos:

*Pois não existe entre nós, assim como entre os povos governados por reis, uma determinada família governante com um povo que lhe obedeça, mas irás sim governar homens que não podem suportar nem completa servidão, nem completa liberdade.*¹⁰

O conteúdo da argumentação criada por Tácito para que Galba justifique a adoção de Pisão é importante, não apenas para a demarcação do sistema sucessório que define o Principado, mas justamente pelo fato de que representa um antagonismo claro entre sua coerência interna e o contexto em que é proferido. Galba escolhe mal e não consegue nem de longe realizar o que apregoa, pois não está à altura da dignidade que pretende ter. Além disso, tal situação está em contraste com todos os processos seguintes de sucessão dos imperadores nas **Histórias**, primeiro porque a guerra civil põe em cheque a validade do discurso, e segundo porque a consolidação de Vespasiano, Tito e Domiciano representa o exato oposto dos mecanismos defendidos. Aqui cabe compreender que, mais do que representativo ou não da visão pessoal de Tácito sobre o Principado¹¹, esse discurso representa a total contradição entre o que é pretendido e a realidade de fato.

A Oto são atribuídos três discursos, sempre proferidos aos seus soldados¹². Sua defesa da importância e autoridade do Senado no segundo discurso é altamente irônica, se não simplesmente patética.

*Então, pensais que a cidade mais bela consiste apenas de casas, edifícios e de um amontoado de pedras? Estas coisas mudas e inanimadas podem ser ordinariamente destruídas e reconstruídas. A eternidade de Roma, a paz entre os povos, a minha e a vossa segurança são garantidas pela disposição do Senado. Este Senado foi criado pelo pai e fundador de nossa cidade, e, imortal, continuou inalterado desde a época dos reis até os imperadores; assim como o recebemos de nossos ancestrais, devemos entregá-lo à posteridade. Pois assim como de vós surgem os senadores, dos senadores nascem os príncipes.*¹³

O contraste entre as palavras de Oto e a situação real demonstra a sua falsidade, acidental ou pretendida, e, mais ainda, evidencia sua incapacidade para o controle. Sua oratória seria aparentemente digna, e, para isso, Tácito lhe atribui discursos em *oratio recta* numa quantidade até razoável para a fugacidade e pouca importância de seu governo e de sua figura (KEITEL, 1987, 1991). Entretanto, este é nada mais do que um artifício de ironia, pois a autoridade de Oto é irrelevante, dado que seu poder se sustenta apenas pelo apoio dos pretorianos e algumas poucas legiões: ele fala o que o exército quer ouvir.

Vitório é, de novo, o pior de todos, e, em nenhum momento, Tácito lhe atribui um discurso. Ele simplesmente não tem voz ativa¹⁴, e seu comportamento passivo é refletido pela atribuição de dois discursos remetidos a ele¹⁵, para cujos conteúdos e objetivos não toma qualquer atitude. Seus generais, Cecina e Valente, são importantes na narrativa, mas simbolizam, aqui, diretamente o comando de Vitório: são indecisos e degenerados¹⁶, e também a eles Tácito não atribui grande eloquência. Portanto, na ausência de discursos que mostrem a importância da figura do imperador, surgem outras ênfases que revelam com quem o poder realmente está: os generais de Vespasiano – os principais nomes, daqui para frente, são Muciano e Antônio Primo.

Tal fato também é revelador da caracterização que Tácito apresenta de Vespasiano, ao menos enquanto podemos analisá-la até o livro V (LEVICK, 1999; DAMON, 2006). Ele está sempre em compasso de espera, vigiando e avaliando os resultados, totalmente passivo em relação ao dinamismo de Muciano (com quem é ostensivamente comparado por Tácito em II, 5) e de Antônio Primo no ambiente de batalha. Ele é pouco ou nada responsável diretamente pelas ações de seus generais, em particular quando ocupam Roma, e pelas atitudes prenunciatórias de Domiciano, colocadas estrategicamente em pontos cruciais

da narrativa¹⁷. Tais recursos narrativos são, possivelmente, uma construção de Tácito destinada a revelar a personalidade de Vespasiano, assim que ele tomar definitivamente o poder, quando poderíamos começar a perceber a mudança positiva de seu caráter: “Ele, diferentemente de todos os imperadores que o antecederam, foi o único que mudou para melhor no seu governo.”¹⁸

Também os relatos de presságios divinos tomam uma forma objetiva, que é a de auxiliar a caracterização dos imperadores no esquema de oposição entre os blocos Galba-Oto-Vitêlio (decadência) e Vespasiano (renovação). A sua veracidade e relevância é evidenciada pela forma como Tácito associa diversas premonições negativas à morte de Galba (I, 18 e 40; cf. MORGAN, 1994), à preparação de Oto para a guerra (I, 86) e em seu suicídio (II, 50), e na forma como os maus presságios rondam Vitêlio (II, 91 e III, 56). Disso decorre não que Tácito queira evidenciar os presságios como, de alguma forma, determinantes para os acontecimentos, mas eles simbolizam um clima tão dilacerado que apenas confirmam o que depois se sucede. Assim, o valor em si de tais indicações é sempre depreciado de alguma forma, provando mais uma vez como as atitudes dos indivíduos sobrepõem tais premonições. Por exemplo, veja-se III, 56, trecho paradigmático sobre Vitêlio e sobre todo o sentido do tema, em que a ironia é marcante:

*Enquanto [Vitêlio] fazia um discurso para as tropas, ocorreu um incidente, tomado como prodígio: um bando de pássaros de mau agouro sobrevoou por cima dele, cobrindo o céu numa quantidade tal que pareciam uma nuvem negra obscurecendo o dia. Outro presságio foi dado por um boi que escapou do altar, espalhando as preparações do sacrifício, e foi descartado para longe de uma maneira contrária ao ritual prescrito. Mas o principal presságio foi o próprio Vitêlio, ignorante do serviço militar, sem planos para o futuro, desconhecendo mesmo a ordem da marcha, o uso das missões de reconhecimento, os limites pelos quais um general deve apressar ou atrasar uma campanha, e sempre perguntando tudo a todos. Na chegada de um mensageiro, sua face e movimentos demonstravam seu pânico, e então bebia muito.*¹⁹

Vespasiano, juntamente com Tito (JONES, 1984), oferece o absoluto contraste. A maior parte dos trechos em que Tácito o introduz está associada a algum indício divino factual, ou a uma menção geral sobre sua boa *fortuna*²⁰. Em um primeiro momento, poderíamos associar tais elementos à influência

da forte propaganda flávia criada em torno da construção da predestinação divina do triunfo de Vespasiano (CASTRO, 1972; RAMAGE, 1983; EVANS, 2003). No entanto, é bem claro para Tácito que tais presságios somente foram notados depois de sua vitória: “Os segredos do Destino, e os sinais e oráculos que predestinavam Vespasiano e seus filhos para o poder, nós acreditamos neles apenas depois que seu sucesso estava seguro.”²¹ Além disso, boa parte deles é já, de antemão, vista como superstições de mérito duvidoso, em especial por se associarem a povos estrangeiros – egípcios, no livro IV, e judeus, no livro V. Tudo isso demonstra ainda mais a visão cética de Tácito anunciada em I, 3, bem como sua noção da vontade humana como causa última de todos os eventos (CHILVER, 1979, p. 44-45; DAVIES, 2005, p. 144).

Como vimos, as **Histórias** formam, através da disposição geral de sua estrutura narrativa e da caracterização dos imperadores, um movimento bastante denso, visível e crescente de declínio, de decadência física e moral do Império, até a renovação trazida por Vespasiano, pelo menos no que podemos afirmar até o início do livro V (WALKER, 1976). A sequência Galba-Oto-Vitêlio, ainda que eles sejam de fato menos importantes para o rumo dos acontecimentos do que seus exércitos, é o espelho dessa situação, culminando na destruição altamente simbólica e representativa do Capitólio: esta não é qualquer guerra civil, é a mais indigna e caótica de todas. A chave que determina a inversão da decadência, com o fim da guerra civil, é Vespasiano. Ele é apontado por Tácito como a figura que representa a restauração da ordem (ou ainda, a instauração de uma nova ordem), com o início da paz nas províncias e a reconstrução de Roma. A forma como Tácito constrói seus personagens é, assim, um poderoso indicador das mudanças políticas gerais que afetam o império. As qualidades morais de cada um, ou, ainda, seus grandes defeitos, ajudam a ilustrar a estrutura narrativa e a compor os objetivos do texto, que pretende demonstrar o esgarçamento do império por conta da guerra civil e da instabilidade política.

NARRATIVE STRUCTURES IN TACITUS' HISTORY

Abstract: This paper presents some thoughts on the narrative structure of Tacitus' Histories, emphasizing textual elements which reveal one trend of moral decadence in Rome during the civil war of 69 AD, books I to III, and the restoration presented by Vespasian's victory, from book IV onwards. Through the analysis of the portrayal of emperors, secondary characters

and the armies, we intend to show how Tacitus builds his narrative on a crescendo of decadence from Galba to Vitellius and the destruction of the Capitol. Vespasian is, from the start, seen as the opposite of this situation, redeeming society and symbolically establishing a new moment of restoration in Roman history.

Keywords: Tacitus, Histories, Latin Historiography, civil war, 69 AD.

Documentação escrita

TACITE. **Histoires**. 2 vols. Paris: Belles Lettres, 1946.

TACITUS. **Histories and Annals**. 4 vols. London: W. Heinemann, 1980.

_____. **The Histories**. Translated by K. Wellesley. London: Penguin, 1995.

Referências bibliográficas

ASH, Rhiannon. **Ordering Anarchy**. Armies and Leaders in Tacitus' Histories. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.

BARTSCH, Shadi. **Actors in the Audience**. Theatricality and Doublespeak from Nero to Hadrian. Cambridge-Mass.: Harvard University Press, 1994.

BENARIO, Hector W. **An Introduction to Tacitus**. Athens, GA: University of Georgia Press, 1975.

BRUCE, F. F. Tacitus on Jewish History. **Journal of Semitic Studies**, XXIX(1), p. 33-44, 1984.

BRUNT, P.A. Tacitus on the Batavian Revolt. **Latomus**, 19, p. 494-517, 1960.

CASTRO, Albert Dwight. **Tacitus and the 'virtues' of the Roman Emperor**: the Role of Imperial Propaganda in the Historiography of Tacitus. PhD thesis - Indiana University, 1972.

CHILVER, G. E. F. The Army in Politics, AD 68-70. **Journal of Roman Studies**, 47, p. 29-35, 1957.

_____. **A Historical Commentary on Tacitus' Histories I and II**. Oxford: Clarendon Press, 1979.

_____. **A Historical Commentary on Tacitus' Histories IV and V**. Oxford: Clarendon Press, 1985.

DAMON, C. (Ed.) **Tacitus, Histories book I**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

- DAMON, C. *Potior utruque Vespasianus*: Vespasian and His Predecessors in Tacitus' *Histories*. **Arethusa**, 39, p. 245-79, 2006.
- DAVIES, J. P. **Rome's Religious History** – Livy, Tacitus and Ammianus On Their Gods. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- EVANS, R. Containment and Corruption: The Discourse of Flavian Empire. In: BOYLE, A. J; DOMINIK, W. J. (Ed.) **Flavian Rome**: Culture, Image, Text. Leiden/Boston: Brill, 2003, p. 255-76.
- FROMCHUCK, A. R. **The concept of fides in the Histories of Tacitus**. PhD thesis. Bryn Mawr College, 1972.
- GILL, C. The question of character-development: Plutarch and Tacitus. **The Classical Quarterly**, 33 (II), p. 469-87, 1983.
- GONZÁLEZ-CONDE, M. P. Tácito, Hist. V, 73-74: el discurso de Petilius Cerialis y la *Pax Tacitea*. **Latomus**, 55-3, p. 626-37, 1996.
- GOODYEAR, F. R. D. **Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1970.
- HENDERSON, J. **Fighting for Rome**: Poets, Caesars, History and Civil War. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- JONES, B. W. **The Emperor Titus**. London; New York: Croom Helm: St. Martin's Press, 1984.
- _____. **The Emperor Domitian**. London: Routledge, 1992.
- KAJANTO, I. Tacitus' Attitude to War and the Soldier. **Latomus**, 29-3, p. 699-718, 1970.
- KEITEL, E. Principate and civil war in the Annals of Tacitus. **American Journal of Philology**, 105, p. 314-26, 1984.
- _____. Otho's Exhortations in Tacitus' *Histories*. **Greece & Rome**, 34, p. 73-82, 1987.
- _____. The Structure and Function of Speeches in Tacitus' *Histories*. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33.4, p. 2772-94, 1991.
- _____. Speech and narrative in *Histories* 4. In: LUCE, T. J. & WOODMAN, A. J. **Tacitus and the Tacitean Tradition**. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- LACROIX, J. *Fatum et fortuna* dans l'oeuvre de Tacite. **Revue des Études Latines**, 29, p. 247-64, 1951.
- LEVICK, B. **Vespasian**. London-New York: Routledge, 1999.
- LUCE, T. J. **Livy**: The Composition of His History. Princeton: Princeton University Press, 1977.

MANNING, C. E. Acting and Nero's Conception of the Principate. **Greece & Rome**, v. 22, n. 2, p. 164-75, 1975.

MARQUES, J. B. Nero as artist and the political changes in the Principate. *In: Praktika, XIth International Congress of Classical Studies*, 1999, Kavala. FIEC. Athens: Parnassos Literary Society, v. A', p. 101-7, 2001.

_____. O Capitólio como representação de Roma em Tito Lívio e Tácito. **Calíope**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 94-109, 2005.

MARTIN, R. H. **Tacitus**. London: Routledge, 1981.

MENDES, N. M.; SILVA, G. V. da. (Org.) **Repensando o Império Romano**: Perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MILLER, N. P. Tacitus' narrative technique. **Greece & Rome**, XXIV(1), p. 13-22, 1977.

MORGAN, M. G. A Lugubrious Prospect: Tacitus, Histories 1.40. **Classical Quarterly**, 44.1, p. 236-44, 1994.

NAWOTKA, K. Imperial Virtues of Galba in the Histories of Tacitus. **Philologus**, 137.2, p. 258-64, 1993.

NESSSELHAUF, H. Tacitus and Domitian. **Hermes**, 80, p. 222-45, 1952.

PARATORE, E. **Tacito**. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1951.

PERKINS, C. A. Tacitus on Otho. **Latomus**, 52.4, p. 848-55, 1993.

RAAFLAUB, K. (Ed.) **War and Peace in the Ancient World**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

RAMAGE, E. S. Denigration of Predecessor under Claudius, Galba and Vespasian. **Historia**, 32, p. 201-14, 1983.

SCOTT, J. M. The Rhetoric of Supressed Speech: Tacitus' Omission of Direct Discourse in his *Annales* as a Technique in Character Denigration. **The Ancient History Bulletin**, 12.1-2, p. 8-18, 1998.

SYME, Ronald. **Tacitus**. 2 v. Oxford: Oxford University Press, 1958.

WATERS, K. A. The Character of Domitian. **Phoenix**, 18, p. 49-77, 1964.

WALKER, B. A Study in Incoherence: The First Book of Tacitus' *Histories*. **Classical Philology**, 71, p. 113-8, 1976.

WELLESLEY, K. **The Long Year A.D. 69**. Bristol: Bristol Classical Press, 1989.

WOODMAN, A. J. **Tacitus Reviewed**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

¹ Para Sir Robert Syme e outros autores que o seguem, as *Histórias* teriam 12 livros, e os *Anais* 18, formando tríades de livros relacionadas a cada bloco de imperadores. Para uma crítica a esse modelo, ver Goodyear (1970).

² Para diversas análises relacionadas ao exército e sua atuação nas *Histórias*, ver CHILVER, 1957; KAJANTO, 1970; FROMCHUCK, 1972; GILL, 1983; KEITEL, 1984; HENDERSON, 1998; ASH, 1999.

³ “*evulgato imperii arcano posse principem alibi quam Romae fieri*”. I, 4.

⁴ Análise do caráter: I, 5-6, 7, 12, 18 e 35. Cf. NAWOTKA, 1973.

⁵ “*omnium consensu capax imperii nisi imperasset*”.

⁶ I, 78. Cf. Suetônio, *Vida de Oto*, 7. MANNING, 1975; BARTSCH, 1994; MARQUES, 2001.

⁷ I, 52, 62; II, 31 (pior que Oto), 62 a 65, 68, 70 (WOODMAN, 1998), 71 (comparado a Nero), 90-91, 95; III, 36, 54 a 56, 58, 63, 67-68, 84-85.

⁸ I, 15-16.

⁹ Cf. o discurso de Muciano conclamando Vespasiano a se tornar imperador: *Hist.*, II, 77.

¹⁰ “*neque enim hic, ut gentibus quae regnantur, certa dominorum domus et ceteri servi, sed imperaturus es hominibus qui, nec totam servitatem pati possunt nec totam libertatem.*”

¹¹ Para tanto, veja-se o extenso debate representado por SYME, 1958, 151seq. e 206seq.; CHILVER, 1979, 76 e PARATORE, 1951, 440 e 732seq.

¹² I, 37-38, 83-84; II, 47. Cf. KEITEL, 1987.

¹³ “*quid? vos pulcherrimam hanc urbem domibus et tectis et congestu lapidum stare creditis? muta ista et inanima intercidere ac reparari promisca sunt: aeternitas rerum et pax gentium et mea cum vestra salus incolumitate senatus firmatur. hunc auspicato a parente et conditore urbis nostrae institutum et a regibus usque ad principes continuum et immortalem, sicut a maioribus accepimus, sic posteris tradamus; nam ut ex vobis senatores, ita ex senatoribus principes nascuntur.*”

¹⁴ Compare-se o significado da mesma situação em Nero: SCOTT, 1998.

¹⁵ Aliados: III, 66, Sabino, III, 70.

¹⁶ Cecina: I, 52, 67; II, 20. Valente: I, 52, 66; III, 40, 41, 62 (obituário). Note-se a constante comparação e disputa entre os dois.

¹⁷ No fim do livro III (74) e no começo e fim do livro IV (2 e 86). Seria quase como uma eminência parda da revolta flávia em Roma, não fosse o constante fracasso em

afirmar sua importância. Note-se também a enorme diferença na oposição entre ele e o quase paradigmaticamente virtuoso irmão Tito (esp. em IV, 52). Para a caracterização de Domiciano, ver NESSELHAUF, 1952; WATERS, 1964 e JONES, 1992.

¹⁸ “*solusque omnium ante se principum in melius mutatus est*” (I, 50).

¹⁹ “*Contionanti - prodigiosum dictu - tantum foedarum volucrum supervolitavit ut nube atra diem obtenderent. accessit dirum omen, profugus altaribus taurus disiecto sacrificii apparatu, longe, nec ut feriri hostias mos est, confossus. sed praecipuum ipse Vitellius ostentum erat, ignarus militiae, improvidus consilii, quis ordo agminis, quae cura explorandi, quantus urgendo trahendove bello modus, alios rogans et ad omnis nuntios vultu quoque et incessu trepidus, dein temulentus.*”

²⁰ II, 1, 4 (Tito), 78; IV, 81 3 83; V, 13. Cf. LACROIX, 1951 e DAVIES, 2005.

²¹ I, 10: “*occulta fati et ostentis ac responsis destinatum Vespasiano liberisque eius imperium post fortunam credidimus.*”